
ANGÚSTIA: UM AFETO QUE NÃO ENGANA

ANXIETY: AN AFFECTION THAT DOES NOT DISAPPOINT

Sandra Cardoso Machado Teixeira¹
Marco Corrêa Leite²

RESUMO

O presente artigo aborda o conceito de angústia tema recorrente, não apenas na clínica psicanalítica atual, mas na vida cotidiana dos indivíduos. Em função de sua relevância lançamos mão de fontes por nós consideradas primárias e essencialmente importantes, a respeito do referido assunto. A partir de um olhar filosófico percorremos parte do caminho desenhado por Kierkegaard que, muito tempo atrás, em 1844, se ocupou de estudar esse conceito. Na sequência, Freud se dedicou ao mesmo tema com alguns artigos a partir de seus estudos sobre a neurose e, mais especificamente discorreu sobre esta temática de maneira primorosa em seu texto inibição, sintoma e angústia. Dando continuidade encontramos em Lacan o que podemos considerar “o caroço” do conceito de angústia: um afeto que não engana e que não é sem objeto. E, para concluir recorreremos a alguns autores aqui denominados contemporâneos, cujas produções estão embasadas nas fontes originais de seus criadores.

80

Palavras-chave: Angústia. Objeto. Desejo. Afeto.

ABSTRACT

This article discusses the concept of anxiety recurring theme, not just on current psychoanalytic clinic, but in the everyday life of individuals. On the basis of your relevance for us sources hand launched considered primary and essentially important, regarding the aforementioned subject. From a philosophical look we have traveled part of the way designed by Kierkegaard who, long ago, in 1844, engaged to study this concept. Then, Freud was devoted to the same theme with some articles from their studies on neurosis and, more specifically discussed this issue of exquisite way in his text inhibitions, symptoms and anxiety. Continuing found in Lacan we could consider "the core" of the concept of anxiety: an affection that does not disappoint and that is not without object. In conclusion we resorted to some authors

¹ Graduada em psicologia pela UniFil. Pós-graduanda em Psicoterapia Psicanalítica pela Universidade Filadélfia de Londrina (UNIFIL). sat@sercomtel.com.br

² Docente do programa de pós-graduação em Psicoterapia Psicanalítica. Mestre em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Analista no Instituto Lalangue Londrina. mclmarco@hotmail.com

here called contemporaries, whose productions are based on the original sources of their creators.

Keywords: Anxiety. Object. Desire. Affection.

INTRODUÇÃO

O tema escolhido apresenta sua relevância associada ao fato de que o ser humano tem sido assaltado, desde seus primórdios, por sensações dissonantes e inquietantes que causam grande desconforto e sofrimento e que, dependendo da intensidade desse afeto, aqui denominado de angústia, acomete e até mesmo paralisa o sujeito de variadas formas em sua existência bem como em suas atividades cotidianas.

Como objetivo de maior relevância pretende-se neste artigo trabalhar o conceito de angústia dentro da concepção de alguns autores da Filosofia e da Psicanálise, que traçaram as bases de suas descobertas práticas e teóricas a partir de seus primórdios e que remontam à própria condição de ser um humano no mundo.

Estará a angústia em uma posição de proteger o sujeito contra os “males do mundo?” Em que medida a angústia deixa de ser apenas um afeto e se transforma em doença influenciando comportamentos e modos de vida contemporâneo? Na busca por respostas a estas indagações, no presente artigo será analisado o pensamento de alguns dos principais teóricos que abordaram o conceito da angústia.

Para tanto, a pesquisa será dividida em 2 capítulos. No primeiro será abordado o pensamento de teóricos clássicos como Kierkegaard (2010), Freud (2006) e Lacan (2005). Na sequência os autores denominados contemporâneos, tais como Soler (2012) e Leite (2011), cujas produções estão embasadas nas fontes originais de seus criadores e que por meio de suas próprias pesquisas, desenvolveram e ampliaram grandemente a compreensão deste conceito.

O discurso sobre a angústia e seu efeito singular em cada sujeito, nos mobiliza a tentar percorrer o caminho que a ela conduz, ainda que pareça difícil alcançar um resultado plenamente satisfatório. Na impossibilidade de ultrapassar os

limites que a clínica psicanalítica impõe o que de fato existe como recursos, disponíveis são apostas na direção de avançar na compreensão do conceito de angústia e seus sintomas vivenciados pelo sujeito.

1 O CONCEITO DE ANGÚSTIA A PARTIR DE KIERKEGAARD, FREUD E LACAN

Como referência inicial a esse conceito, Kierkegaard (2010, p.45) em seu trabalho o conceito da angústia, precisa que a angústia deriva originalmente do primeiro pecado. Em outro momento esse mesmo autor diz que a angústia nasce da paz e do repouso em um dado momento em que “não há contra o que lutar” e segue dizendo que “a angústia é uma qualificação do espírito que sonha”

Esse autor, segundo consta na obra de Hryniewicz (2008, p. 449), tendo ficado órfão de mãe aos cinco anos de idade, possuía uma personalidade melancólica com ênfase no difícil relacionamento que tinha com o pai, um pastor protestante que o educou seguindo austeros princípios da piedade religiosa. O pensamento kierkegaardiano se sustentou na ideia de primazia da subjetividade humana o que torna cada indivíduo único e impossível de ser imitado. É a verdade subjetiva que determina a maneira com que cada um veja o mundo e se comunique com ele, conduzindo assim sua existência.

Foi desenvolvida uma complexa análise sobre a angústia relacionada ao tema do pecado, o que resulta uma nódoa permanente na alma humana ainda que associada à possibilidade de liberdade de escolha individual. Nas palavras de Hryniewicz (2008, p.456), Kierkegaard considera que:

A angústia não deve ser entendida como uma perturbação mental, mas como uma espécie de fio condutor da existência humana. O homem pode tentar disfarçá-la, ignorá-la, mas ela é subjacente à natureza humana e, a qualquer momento, pode manifestar-se mais intensamente. (HRYNIEWICZ, 2008, p. 456).

Em sua obra “O conceito de Angústia” escrita em 1844, Kierkegaard (2010, p. 23) aponta que o conceito de pecado não tem precedentes em nenhuma ciência sendo mais provável que o conceito de ética possa “tratar de sua manifestação, não de sua origem.” Na gênese do conceito de pecado está a condição humana primeira que, em um “ato de desobediência a Deus,” o engendrou no mundo através de Adão

e Eva. O pecado passou desde então, a fazer parte das possibilidades de escolhas humanas.

Com o ato inaugural de desobediência aos preceitos divinos pelo primeiro casal humano sobre a Terra, passa a valer as mesmas regras para qualquer outro ser da mesma espécie posto que estes receberam como herança as suas consequências. O pecado hereditário considerado por Kierkegaard (2010, p.57) como introdutor da angústia no mundo pode ser sustentado no fato do “homem e a mulher terem se escondido do Senhor Deus no meio das árvores do jardim” (GÊNESIS 3,8).

Teriam eles naquele momento sentido pela primeira vez a sensação de angústia? A resposta a essa questão é, com alguma probabilidade afirmativa. Ao entrar no mundo na condição de humanos, Adão e Eva tomaram para si o “pressuposto da pecaminosidade, assim como não teriam sentido angústia se tivessem sido apenas animais” (KIERKEGAARD, 2010, p.57).

Para o indivíduo que sucede o primeiro homem a sensação de angústia passa a ser um equivalente do desamparo estrutural com o qual ele terá que conviver. Na busca de reencontrar a primeira experiência de satisfação vivida em um período muito primário do pequeno sujeito, este segue tentando reviver tal sensação agradável, mas, há muito perdida, questão sobre a qual voltaremos a falar mais adiante.

A angústia decorrente do ato de pecar é análoga à consequência do pecado no indivíduo. “A angústia retorna então em relação ao que foi posto e ao futuro” no desejo de se poder voltar ao estado anterior da realidade de pecado. Isso denota a relevância da liberdade humana que tem o condão de determinar suas ações (KIERKEGAARD, 2010, p. 119).

A angústia pode ser de duas naturezas: objetiva e subjetiva. Para a primeira o que está em evidência é a reflexão da liberdade em si mesma diante da possibilidade de escolha por parte do indivíduo. Na segunda forma o autor coloca a angústia no próprio indivíduo, comparando-a com uma nostalgia causada por uma espécie de decepção diante de uma escolha que poderia ter sido outra e não aquela que ele próprio acabou por escolher. (KIERKEGAARD, 2010, p.61-66).

O autor não colocou a importância máxima de sua produção sobre a angústia no pecado em si, mas na liberdade humana. Tanto para o mal quanto para

o bem é necessário que o indivíduo recorra aos recursos próprios e individuais como poder de decisão diante de toda e qualquer possibilidade de escolha que estiver ao seu alcance. “A angústia é a vertigem da liberdade, que surge quando o espírito quer estabelecer a síntese, e a liberdade olha para baixo, para sua própria escolha” (KIERKEGAARD, 2010, p.66).

Posteriormente Freud (1895-1894 p. 95) ainda no início de suas explorações pelo território da psicanálise, detecta na neurose de angústia, um afeto que abrange alguns sintomas que variam entre a “irritabilidade geral” e a “expectativa angustiada” causando “sensações corporais aflitivas”. No texto, neurose de angústia, o autor afirma que o “sentimento de angústia pode estar ligado ao distúrbio de uma ou mais funções corporais como dificuldade de respirar, espasmos do coração, inundações de suor, fome devoradora, sentir-se mal, não estar a vontade, e assim por diante”.

Ao proferir a coletânea de palestras intitulada “Conferências introdutórias sobre psicanálise” entre 1915 e 1917, na Universidade de Viena, Freud discorreu acerca de diversos temas ligados à prática da psicanálise, não sem se desculpar por estar tratando de questões já abordadas por ele em momentos anteriores. Iniciou dizendo logo na introdução da conferência de número um do primeiro volume desta coletânea, que na prática médica os profissionais da área, estavam acostumados a “ver coisas” enquanto que “na psicanálise, tudo é diferente, “nada acontece em um tratamento psicanalítico além de um intercâmbio de palavras entre o paciente e o analista” (FREUD, 1916-2006, p.26-27).

Neste trabalho, o pai da psicanálise, que representa como o próprio título enuncia uma introdução à prática da psicanálise a qual ele se dedicou intensamente durante toda sua vida, Freud aborda os princípios básicos que fundamentaram suas pesquisas e realizações em épocas anteriores e posteriores tais como: sonhos, atos falhos, lapsos de linguagem, fantasias infantis, ansiedade, que em uma tradução mais recente encontramos como angústia e que é tema de sua conferência de número 25 (FREUD, 1916, p. 393-411).

Na referida conferência XXV, o autor coloca que todos os neuróticos se queixam de ansiedade e a “descrevem como sendo seu pior sofrimento”. Considerado por Freud como um estado afetivo, ele afirma que a ansiedade representa “um ponto nodal para o qual convergem as mais diversas e importantes

questões, um enigma cuja solução deverá inundar de luz toda nossa existência mental” (FREUD, 1916-2006, p.393-394).

Freud inaugura com estas conferências, e mais especificamente com a da angústia, seu trabalho no campo dos afetos que ele considera uma “região obscura.” O termo em alemão usado por ele para designar esse afeto é *Angst* que em tradução literal para o português significa medo, temor, angústia. Para a psicanálise, no entanto essas designações não têm muito que esclarecer no sentido de uma prevenção contra a angústia uma vez que a própria angústia é uma forma de proteção contra o medo, ainda que possam acontecer episódios de ansiedade isolados.

A fobia apresenta uma característica de projetar um perigo interno instintivo por algo que se percebe exteriormente. Freud (1926-2014, p. 33) cita o caso da fobia que o pequeno Hans tem por cavalo, mas esclarece que isso acontece diante da angústia causada pela expectativa de ser mordido por esse animal, posteriormente, coloca que “o afeto da angústia que constitui a essência da fobia” é gerado pela repressão (FREUD, 1926-2014, p. 43).

85

Na perspectiva de ocorrer um fator externo ameaçador o Eu se protege tentando fugir enquanto que, na eminência de um perigo não detectável o que aparece é a angústia como substituto da fobia. Se a angústia se apresenta como uma reação do Eu sob ameaça, é bom lembrar que o Eu é repetidamente preparado para a castração por sequentes perdas de objeto das quais a primeira delas vivida como uma experiência angustiante, pelo menos para os humanos, se dá por ocasião do nascimento.

Freud (1926-2014, p.73-83) trabalha a angústia como sendo algo que se sente, configurando assim um estado afetivo que provoca essencialmente, uma vivência de desprazer e como tal ele afirma: “A angústia, portanto, é um estado desprazeroso especial, com reações de descarga, em trilhas específicas” O autor elege o Eu como sendo a “sede da angústia” e segue afirmando que “o Id não pode ter angústia como o Eu” embora no “Id se preparem ou se realizem processos que induzem o Eu à geração de angústia”

Outro aspecto da angústia já mencionado neste trabalho é a formação de sintomas como um recurso psíquico, delineando um encaminhamento mais

adequado para a angústia. Colocada aqui, a citação de Freud (1926-2014, p. 87-88), confirma mais esta descoberta do pai da psicanálise:

Se abandonarmos uma pessoa agorafóbica na rua, após, tê-la acompanhado, ela terá um ataque de angústia. Se impedirmos um neurótico obsessivo de lavar as mãos após tocar em algo, ele será presa de uma angústia quase insuportável. É claro, então, que a condição de ser acompanhado e o ato obsessivo de lavar as mãos têm o propósito e também o resultado de prevenir tais acessos de angústia. [...] os sintomas são criados para subtrair o Eu à situação de perigo. Sendo impedida a formação de sintomas, o perigo realmente aparece, ou seja, produz-se aquela situação análoga ao nascimento, em que o Eu se encontra desamparado produzindo assim a primeira e primordial condição de angústia. (FREUD, 1926 p. 87-88).

O Eu tem um comportamento defensivo podendo ser considerado até mesmo racional diante da angústia. Podemos explicar essa afirmação pelo comportamento do indivíduo ao longo da vida quando diante de situações de perigo. Uma criança muito pequena possui pouco ou nenhum recurso psíquico para lidar com situações adversas, quer apareçam fora ou dentro dela. Com o passar dos anos essa mesma criança, já mais amadurecida, passa a ter reações menos angustiantes face aos episódios inquietantes e que causam algum sofrimento. Assim, sucessivamente o afeto da angústia vai sendo substituído por outro, fazendo com que cada período da vida do indivíduo seja marcado por algum tipo de desconforto psíquico posto que não exista, até o presente momento, um remédio para aliviar as dores da condição de ser um humano no mundo. Freud bem nos adverte a esse respeito: “os neuróticos mantêm-se apegados às velhas dores geradoras de angústia” (FREUD, 1926-2014, p. 92).

86

É importante mencionar que, para alguns indivíduos, seja difícil se proteger contra a angústia devido ao fato de que tornar-se adulto, por si só não representa garantia para isso uma vez que “muitas pessoas permanecem infantis em seu comportamento diante do perigo e não superam condições para a angústia” (FREUD, 1926-2014, p. 93).

Desse modo, a angústia se caracteriza principalmente como uma reação ao perigo ocupando uma posição central na economia psíquica. Ora, perigos são muitos e variam substancialmente ao longo da vida de um indivíduo. A angústia possui peculiaridades que a distinguem dos chamados medos comuns.

De que perigo a angústia se defende que o sujeito tanto teme? Que elementos compõem a angústia e a mantêm como um afeto duradouro e que não engana? Se para Freud a angústia é um estado afetivo que se apresenta como um sinal de perigo externo no eu, para Lacan ela é igualmente um afeto, mas, que não é sem objeto.

No seminário 10 Lacan (1962/63, 2005, p. 88-89), destinou suas pesquisas ao estudo da angústia, conceito sobre o qual se dedicou a trabalhar durante um ano, de novembro de 1962 a julho de 1963. Nele Lacan enfatiza que “a verdadeira substância da angústia, é o aquilo que não engana o que está fora de dúvida” e complementa dizendo que a angústia escapa precisamente ao jogo do discurso, pois o objeto da fobia encobre a angústia. O autor partindo do texto freudiano inibição, sintoma e angústia, expôs Freud colocou a angústia em termos de defesa do Eu frente aos perigos e, que melhor seria colocá-la como um estado que paralisa o sujeito. Justifica esta definição afirmando que inibição tem a ver com paralisação do movimento, portanto, segundo ele seria mais adequado utilizar os três termos: inibição, impedimento e embaraço (LACAN, 1962/63, 2005, p. 22).

87

Uma vez que o indivíduo está inibido ele fica paralisado em seus movimentos, portanto impedido de agir o que, conseqüentemente, lhe causa embaraço. Para Lacan, a angústia existe no vazio e não existe proteção, não existe segurança contra a angústia. Podemos dizer que Lacan está de acordo com Freud quando este posiciona a angústia na categoria de um afeto que não é recalcado, e complementa dizendo que a angústia é um afeto que “se desprende, fica à deriva. O que é recalcado são os significantes que o amarram” (LACAN, 1962/63, 2005, p. 23).

No início deste estudo Lacan coloca que é a respeito da “agudeza da angústia que temos de nos ater” Agudo é em si mesmo o sentido dado ao termo angústia quando Lacan o prende a uma práxis denominada por ele de erotologia: “trata-se do desejo.” Segundo Lacan todo discurso em torno do desejo faz surgir a angústia. (LACAN, 1962/63, 2005, p.24).

Há obstáculos quanto à “vivência autêntica ou real dos doentes” que comportam limites quase imperceptíveis, porém, difíceis de ultrapassar, estando a angústia “inserida no catálogo dos afetos” e, como tal, vinculada à existência de “um outro” para que possa se manifestar. (LACAN, 1962/63, 2005, p. 27)

Não se trata, porém de qualquer outro, não do outro como meu semelhante. Quando Lacan (1962/63, 2005, p.32) afirma que o desejo faz surgir a angústia, ele estabelece que o desejo se situa no campo do Outro e complementa dizendo que “o desejo do homem é o desejo do Outro”. Esse Outro existe como matéria inacessível ao campo da consciência na medida em que ele próprio desconhece o que lhe falta.

Embora o aprofundamento acerca da presença do Outro não seja o escopo principal da presente pesquisa, não se pode olvidar da presença deste que é o lugar dos significantes que consiste em representar um sujeito para outro significante. Lacan (1962/63, 2005, p. 170) aponta para a função angustiante do desejo do Outro quando afirma que “a angústia está ligada a eu não saber que objeto a sou para o desejo do Outro”

A fantasia é o que sustenta o desejo e está inteiramente do lado do Outro, daquele inatingível. A fantasia está no campo do imaginário e “em tudo o que é demarcação imaginária, virá a partir daí, sob a forma de uma falta” e, o que pode aparecer no lugar da falta está ligado com a angústia. (LACAN, 1962/63, 2005, p. 49).

88

Freud (1926-2014, p.92) ressaltou que o neurótico se mantém apegado às dores que geram a angústia, e Lacan (1962/63, 2005, p. 62) vai mais longe nessa direção quando afirma que o neurótico se recusa a dar sua angústia o que ele consegue é dar um pouco do seu sintoma. Ainda segundo Freud, uma vertente da causa da angústia aparece por ocasião do nascimento com a perda do objeto mãe, o que na opinião de Lacan, a angústia se manifesta mais intensamente não pela perda do objeto e sim quando os objetos não faltam.

No seminário 10, Lacan praticamente formaliza o que chama de uma invenção sua: a existência do objeto pequeno *a*. Segundo Lacan “a angústia surge quando um mecanismo faz aparecer alguma coisa, uma coisa qualquer que corresponde ao lugar ocupado pelo *a* do objeto do desejo” O lugar estabelecido por Lacan para ser ocupado por esse representante da falta é a hiância, a grande fenda existente entre o gozo e o desejo, a angústia é o meio termo entre o desejo e o gozo. (LACAN, 1962/63, 2005, p. 51).

Partindo da concepção freudiana de que o neurótico permanece afeiçoado às dores geradoras da angústia, o viés lacaniano desenvolve a idéia de que o objeto a que sustenta a fantasia neurótica, serve como defesa frente à angústia. A angústia

em sua estreita relação com o objeto *a* causa do desejo, tenta garantir que o objeto não falte.

Uma das funções do objeto *a* seria dar forma ao que existe como falta estruturante na vida psíquica dos neuróticos, possibilitando uma espécie de amarração entre a fantasia e o real. Lacan deixa claro que a angústia possui uma estrutura na qual ela é enquadrada: “A angústia é quando aparece nesse enquadramento o que já estava ali, muito mais perto, em casa, como um hóspede hostil que está sendo esperado” (LACAN, 1962/63, 2005, p. 87).

Diante da estreita relação da angústia com o objeto *a*, Lacan afirma que “a verdadeira substância da angústia é aquilo que não engana, o que está fora de dúvida, é o que se assemelha à certeza assustadora” O objeto designado por Lacan com uma letra, *a*, não confere a ele nenhuma definição possível de objetividade, ao contrário, recorre-se a esse objeto com o propósito de “devolver ao simbólico o lugar exato que lhe cabe na constituição e na tradução da experiência, sem fazer uma extrapolação arriscada do imaginário no simbólico” (LACAN, 1962/63, 2005, p. 88-99).

89

Para melhor prosseguir na elaboração desta que foi uma de suas principais criações, o objeto *a*, Lacan afirma que ainda que não se saiba de que objeto se trata, “Ele não é sem recursos, Ele não é sem astúcia, isso quer dizer que, seus recursos são obscuros, sua astúcia não é comum” (LACAN, 1962/63, 2005, p. 101).

O título deste trabalho traz em si a asserção de Lacan de que “a verdadeira substância da angústia é o aquilo que não engana” (LACAN, 1962/63, 2005, p.88/101), e complementa dizendo que “ela não é sem objeto”. Freud afirma que a angústia é diante de algo, *Angst vor etwas* e, segundo Lacan, esse algo é o objeto *a*. Lacan situa a angústia como uma advertência frente a um sinal do real. “É da ordem da irredutibilidade do real. Dentre todos os sinais, é aquele que não engana” (LACAN, 1962/63, 2005, p. 178).

O objeto *a* representa em sua forma e conteúdo, raiz e não superfície, ou seja, raiz do desejo como Lacan o instituiu: objeto causa do desejo, portanto “não posso fazer nada exceto nele me engajar”. Falar em forma e conteúdo não qualifica o objeto *a* como algo que possa ser representado imgeticamente, uma vez que ele não é fenômeno, mas sim uma porção de libido carregada de imagem. (LACAN, 1962/63, 2005, p. 170).

Engajar o desejo nada mais é do que tomar o objeto *a*, causa desse desejo, como resto singular imposto pela própria existência do sujeito. “No *a* se enraíza o desejo que conseguiria mais ou menos culminar na existência”. Engajar o desejo é ainda cultivar a certeza de que a substância mesma da angústia é o que permanece fora da dúvida. (LACAN, 1962/63, 2005, p.359).

Seguindo com a temática da angústia, é conveniente colocar que, o sujeito humano frente ao seu desamparo estrutural, se posiciona como um ser investigativo e ávido por alento. Nesta direção prosseguimos na marcha iniciada e conduzida até aqui por Kierkegaard, Freud e Lacan, passando então ao ponto de vista dos autores contemporâneos que nos propusemos a consultar.

2 A ANGÚSTIA A PARTIR DO PONTO DE VISTA DE ALGUNS CONTEMPORÂNEOS

A atualização da teoria da angústia proposta por Soler em seu livro *Declinações da Angústia* tem, entre outros objetivos, trabalhar a função do tempo na elaboração deste conceito, pois, segundo ela “cada época seleciona seus sujeitos” (SOLER, 2012a, p.113) e ressignificá-lo na vertente psicanalítica. Esta autora adianta o que denominou “uma fórmula forte” que “a angústia é um momento de destituição subjetiva” e que “a angústia é um acontecimento do real” (SOLER, 2012a, p.55).

Soler afirma que “A angústia é um afeto genérico do ser falante. Ela é velha como o mundo e não cessará jamais”. No trabalho com a clínica é possível constatar que cada sujeito possui uma quantidade de representações estampadas imaginariamente de cenas, coisas ou pessoas que, quando acionado o gatilho da angústia, reproduzem um palco de horrores. (SOLER, 2012a, p.15).

Muitas destas imagens armazenadas pelos sujeitos ao longo de sua trajetória pela vida ficam envelopadas, utilizando-se de metáfora lacaniana “a imagem veste o objeto”, vez que o objeto *a* não possui imagem própria, ele é o suporte e causa invisíveis para o desejo sendo, portanto um elemento intermediário entre o desejo e o gozo. A angústia está aí colocado entre estas duas dimensões impossíveis: o desejo satisfeito e o gozo plenamente realizado. (SOLER, 2012a p.33).

Leite (2011, p. 41-42), faz considerações bastante pertinentes com relação ao desejo e ao gozo:

Ser desejante é o mesmo que dizer movido pela falta, pois, efetivamente só há movimento e vida quando o sujeito é atravessado pela falta, isto é, quando algo lhe falta [...] resta ao ser humano uma errância interminável na busca de objetos substitutos a satisfação nunca é absoluta, o prazer é sempre parcial o que deixa aí um resto mobilizador do sujeito.

Na busca pelo prazer impossível e pela satisfação de desejos, o que se apresenta como possibilidade, é uma porção de libido transformada em angústia que acaba indo ao encontro da ausência do objeto, melhor dizendo, do objeto sempre ausente. A procura incessante pelo objeto perdido é resultado da primeira experiência de satisfação vivenciada pelo bebê na relação com a mãe ao ser amamentado por ela.

O que fica desta experiência é uma marca tão fortemente impressa no pequeno ser, que passa a funcionar como a alavanca do matemático Arquimedes teria funcionado se a tivesse tido efetivamente, ao seu alcance. O mundo deste pequeno sujeito passa desde então a se mover na direção de tornar a achar e de reviver esta satisfação primitiva que jamais será reencontrada.

91

A angústia engendra o sintoma para o neurótico ao propiciar o encontro da mesma com o real. “O único sinal clínico que assegura a presença do objeto, é a angústia” Um sujeito é produzido a partir do efeito da linguagem sobre o corpo, ou seja, a partir da entrada dos significantes. Podemos considerar então que o objeto a vem antes do sujeito porque o objeto vem do Outro. O significante que já estava antes, mas que emerge a partir da entrada em cena do Outro primordial. (SOLER, 2012b, p. 55-56).

Retomando a questão da clínica, o sujeito em análise se angustia diante do processo de descoberta de si mesmo e da justa medida de seu agir e ser no mundo.

Uma análise é bem sucedida quando permite ao homem situar para si mesmo aquilo que é fundamental para a sua existência, ao reconhecer a dimensão trágica da vida, ou seja, aquilo que é da ordem do impossível, a fim de encontrar a partir daí a medida para sua felicidade (LEITE, 2011, p.75).

Leite (2011, p.75) afirma que “o desamparo é marca originária do sujeito”. Como corolário do real a angústia promove um reencontro com este real que “nos lança de volta ao desamparo, exigindo um trabalho psíquico de reconstrução do sentido” A autora considera ser possível para o sujeito obter alguma certeza com relação às suas escolhas a partir deste afeto que nos interroga no processo de “descoberta da medida de cada um” (LEITE, 2011, p. 77-78).

O neurótico se apresenta como um sujeito requintado na posição de analisante, contornando com obstinação o que toca seu narcisismo e suas formas de gozo. Não raro esse sujeito utiliza-se do que denominou de “uma voz sempre solidária da cadeia de significante”, encaixando sua angústia do lado da fantasia como aquilo que escapa a uma representação. (SOLER, 2012a, p.124),

Ainda que o discurso do ser falante ordene as realidades e também as subjetividades, a angústia se faz presente, uma vez que o objeto a causa do desejo e correlato da angústia, pode ter tanto consistência imaginária, quanto simbólica e real. A angústia designada por Lacan (1962/63, 2005, p. 88-101) “um afeto que não engana” e que “não é sem objeto”, está sempre presa a um objeto, no caso, o objeto a, sustentáculo do desejo. Soler (2012a, p. 264) reproduz as palavras de Lacan ao afirmar: “O desejo nada mais é do que aquilo que suporta o tema inconsciente, a articulação própria do que faz com que nos enraizemos num destino particular [...] e nos traz sempre de volta para uma certa trilha.”

A angústia, como se concebe no presente estudo, encontra-se posicionada no espaço em que o objeto a causa do desejo escapa demarcando a inquietante posição que separa a firmeza e a instabilidade próprias do humano. Não há na angústia nenhuma diferença elementar desde Kierkegaard, Freud ou Lacan. O que é possível conjecturar é a existência de formas contemporâneas de sofrimento psíquico que continuam validando o mal-estar e o desamparo estrutural do sujeito no mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como proposta inicial nesse artigo, pretendia-se percorrer parte de um caminho traçado pelos autores aqui pesquisados, na intenção de melhor compreender a angústia e seus desdobramentos como um afeto universal, que não é sem objeto, que não engana, mas, que foi, e, continua sendo, um ponto nevrálgico

para muitos que “respondem às exigências do mundo” sem se atentar para a importância de agir em conformidade com o desejo singular de cada um.

A angústia vem acompanhada da espinhosa questão que é a posição do indivíduo frente ao desamparo estrutural e da desconfortável tarefa de saber de si e do seu ser de sujeito no mundo. No registro atual dos discursos, a angústia responde com nomenclaturas diversas que permitem um emparelhamento no vocabulário de afetos tais como: estresse, pânico, traumatismo, ansiedade, depressão, entre outros.

Entre o sujeito e o objeto não existe posição de comando restando, pois, a incômoda tarefa da livre escolha. Ora, fazer escolhas passa necessariamente, pelos pólos do êxito ou do fracasso. Esses dois aspectos, não raro, posicionam o sujeito em situação de comparação senão, de competição com seus semelhantes e não como possibilidade de se sustentar em seu ser de sujeito apesar da angústia causada pelo próprio ato de poder fazer escolhas e de se responsabilizar por elas, independentemente do resultado esperado ou efetivamente, obtido.

93

Todo sujeito humano tem que se colocar como objeto finito ao qual estão ligados desejos finitos e dos quais não conseguirá afastar-se, a menos que, se distancie cada vez mais de uma realização legítima. Para tanto, o que se propõe como possibilidade, é conduzir a existência além do limite da angústia assim como Freud decretou, além do princípio do prazer.

Ao alcançar um termo a partir do que foi possível obter durante o percurso até aqui realizado, é admissível afirmar que a angústia é um afeto que não engana porque ela representa um momento de certeza. Fala-se daquela certeza que o sujeito sem saber que sabe, engendra um acontecimento de real, não mais amparado pela fantasia, esta sim, provocadora de angústia.

Por ora, e talvez ainda por mais algum tempo, será conveniente deixar a questão da angústia sem uma resposta definitiva. Acredita-se, no entanto ter conseguido mostrar numa síntese parcial da posição almejada ante essa questão, posto que, considera-se, como alguns outros, não ser possível dizer tudo de uma só vez.

REFERÊNCIAS

FREUD, Sigmund. **Neurose de angústia (1895-1894)**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v.3.

FREUD, Sigmund. **Conferências introdutórias sobre psicanálise (1915-1916-1917)**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v.15 e 16.

FREUD, Sigmund. **Inibição, sintoma e angústia (1926)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. Obras completas, v.17.

HRYNIEWICZ, Severo. **Para filosofar hoje**. 7. ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2008.

KIERKEGAARD, Soren A. **O Conceito de Angústia**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

LACAN, Jacques. **Seminário, livro 10: a angústia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

LEITE, Sonia. **Angústia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. Passo a Passo 92.

SOLER, Colette. **Declinações da Angústia: curso 2000-2001**. São Paulo: Escuta 2012 a.

SOLER, Colette. **Seminário de leitura de texto ano 2006-2007: seminário A angústia**, de Jacques Lacan. São Paulo: Escuta; 2012 b.